

SALGADO, REALE E BARROSO. POLÍTICOS E INTELECTUAIS EM CIRCULAÇÃO ENTRE BRASIL, ITÁLIA, ALEMANHA, FRANÇA E PORTUGAL.¹

João Fábio Bertonha²

Gustavo Barroso, Miguel Reale e Plínio Salgado foram os principais líderes do maior partido fascista fora da Europa, a Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Todos eles eram políticos e intelectuais, com ampla inserção nos círculos culturais brasileiros, mesmo antes do início da Ação Integralista. Plínio Salgado e Gustavo Barroso eram conhecidos romancistas e jornalistas, enquanto Miguel Reale era uma estrela em ascensão nas áreas de estudos políticos e do direito.

O desfile integralista de 1/11/1937, no Rio de Janeiro. No palanque, Plínio Salgado, Carmela Patti Salgado, Gustavo Barroso, Barbosa Lima e outros líderes integralistas. Fonte: Acervo do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, Fundo Plínio Salgado, Notação 309.

Como intelectuais, eles mantiveram um olhar contínuo para o mundo exterior e tinham as habilidades linguísticas e culturais necessárias para interpretar esse mundo e adaptar o que vinha de fora à realidade brasileira. Como políticos, eles procuraram implementar essas ideias dentro de seu próprio projeto político, a Ação Integralista.

O parágrafo acima, ao trazer os termos “intelectuais” e “políticos” evidência, de forma imediata, os conceitos trabalhados neste texto. A definição de intelectuais é evidentemente complexa e sujeita a diferentes interpretações.³ Para o presente estudo, a noção que se apresenta é a de homens produtores de cultura (especialmente como jornalistas, professores ou escritores) e que, ao mesmo tempo, se engajam politicamente. Eles também poderiam ser enquadrados no campo dos intelectuais que Norberto Bobbio⁴ chamou de *ideólogos*, ou seja, aqueles que têm os valores à frente da técnica ou das obrigações. Condição de ideólogo decorrente não de sua própria escolha, mas da *vontade* de poder, mesmo que nunca realizada.

Salgado, Barroso e Reale tinham um olhar para o mundo que incluía a maioria do mundo ocidental e não apenas as experiências fascistas, como indicado pelas citações e referências em seus numerosos artigos e livros. Eles debateram sobre os acontecimentos na França, Turquia e Japão e olharam com atenção experiências como o New Deal de Roosevelt e a União Soviética de Stalin. No entanto, o seu principal foco de interesse foi, naturalmente, os seus “irmãos de armas” e menções aos nacistas chilenos, ao canadense Adrien Arcand ou aos vários grupos fascistas na Holanda ou no México estão presentes em seus textos.

Nesse contexto, a França foi uma referência-chave, especialmente no que diz respeito a Charles Maurras e ao fascismo francês, e os problemas espanhóis ganharam importância depois de 1936. O foco de seu interesse internacional, no entanto, foi nos Estados fascistas - Alemanha e Itália - e em Portugal.

O objetivo deste artigo é discutir as redes - políticas, intelectuais e emocionais - que ligavam os três líderes principais do fascismo brasileiro com o internacional e entender as possíveis especificidades de cada um no quadro geral do fascismo mundial na década de 1930. Para tanto, o texto se dividirá em três partes, cada uma delas dedicada a um líder integralista. Em cada item, procurarei explicitar as conexões internacionais e as relações transnacionais de cada um, de forma a estabelecer com precisão seu universo mental e seus reais vínculos.

Em todo o artigo, a hipótese central a ser examinada é a de que similaridades de pensamento e simpatias mútuas não se configuram, obrigatoriamente, em vínculos de interinfluências, podendo refletir simplesmente um “espírito do tempo” a que todos se referiam. Como complemento a essa hipótese, surge outra, a qual propõe que vínculos transnacionais reais – com

efetiva troca de interinfluências e formação de vínculos materiais e intelectuais densos e verificáveis – são um elemento fundamental para identificar similaridades e conexões ideológicas e políticas reais.

A proposta analítica é separar simpatias, agendas, diagnósticos e soluções semelhantes de reais conexões ideológicas e políticas de forma a identificar com mais precisão os atores em disputa no período considerado. Mais especificadamente, proponho discutir o caráter fascista de cada um dos líderes considerados e, por extrapolação simples, do integralismo como um todo frente a propostas que pretendem colocá-lo dentro do campo do conservadorismo ou do tradicionalismo católico.

Este artigo não tenciona apresentar em detalhes a trajetória política e intelectual dos três líderes mencionados, mas apenas discutir a sua inserção internacional e as redes intelectuais e políticas nas quais eles circulavam. Dessa forma, é evidente que haverá lacunas informativas e de uso de fontes, já que o objetivo não é uma reconstrução perfeita de suas histórias de vida e de sua produção intelectual.

Nesse sentido, o texto utilizará como fontes básicas um conjunto de obras de cada autor e trabalhos historiográficos que os estudem, mas apenas aqueles nos quais a questão em estudo é mencionada. Isso explica a discrepância – em termos de espaço e citações – com relação aos três autores, discrepância essa também relacionada ao fato de eu já ter escrito trabalhos gerais sobre ao menos dois deles (Reale e Salgado), o que me permitiu ser sucinto no tocante ao seu pensamento geral.

Plínio Salgado⁵

Nascido em S. Bento do Sapucaí (SP) em 1895, Plínio Salgado foi, nos anos 1920, deputado estadual pelo *Partido Republicano Paulista* (PRP) e, acima de tudo, um intelectual. Jornalista, trabalhou por vários anos no *Correio Paulistano*, órgão oficial do PRP, e em outros veículos da imprensa paulista, além de ter sido colaborador de inúmeras outras publicações literárias e políticas brasileiras entre os anos 1920 e 1930. Também foi um romancista reconhecido, tendo publicado inúmeros livros e romances no mesmo período.

Fundador e principal líder da *Ação Integralista Brasileira*, Plínio Salgado era, com certeza, um pensador ligado aos principais debates nacionais e as questões por ele debatidas (o papel da intelectualidade na construção da Estado e da Nação, a construção de uma nova ordem social e política, a formação de uma nacionalidade e identidade nacionais etc.) estavam perfeitamente dentro das preocupações gerais dos intelectuais e dos políticos brasileiros daquele período. Como bem indicado por Batista⁶, a expressiva presença de

autores brasileiros – como Alberto Torres, Oliveira Vianna, Alceu Amoroso Lima, Octavio Faria e tantos outros – no corpo de sua obra indica a presença de um intelectual atento às discussões políticas e sociais do seu próprio país e capaz de se apropriar de autores, teses e informações para construir seu próprio conjunto de propostas e ideias. Ele agia da mesma forma no tocante à realidade internacional.

Quais os instrumentos com os quais Plínio Salgado podia se conectar à realidade maior, mundial? Plínio dominava, segundo suas próprias declarações⁷, dois idiomas nos anos 1920 e 1930: o francês e o italiano. Era através desses idiomas (além das traduções de obras estrangeiras para o português e o espanhol ou textos publicados em Portugal e importados) que ele tinha contato com o mundo exterior e isso fazia todo o sentido. Na São Paulo dos anos 1920, a maior parte da literatura política e sociológica que vinha do exterior era publicada em língua francesa ou em traduções do francês brasileiras ou portuguesas.

Além disso, a presença da cultura italiana era de suma importância. Não apenas livros em italiano eram importados da Itália ou publicados localmente, como inúmeros periódicos – de todas as matrizes políticas – eram impressos na cidade de São Paulo em idioma italiano. Inúmeras escolas e centros culturais italianos também difundiam a cultura clássica italiana – e, cada vez mais, a fascista – pela cidade. Plínio, além disso, era um frequentador, ao menos esporadicamente, das atividades do fascio de São Paulo e de outros órgãos e associações mantidos por Roma na cidade.

Utilizando esses instrumentos, Plínio estava antenado com o debate mundial de sua época. Nos anos 1910, ele dizia ter tido contato com a literatura sociológica e histórica então em voga, lendo autores como Gustave Le Bon, Buchner, Ernst Haeckel e Lamarck, além de ter especial interesse por Herbert Spencer.

Em meados dos anos 1930, ele comentou⁸ como, entre 1922 e 1926, teria entrado numa fase de inquietação, com amplas leituras de Marinetti, Cendrars, Soffici e outros. De 1926 a 1930, com a política entrando em suas preocupações, teria mudado o foco das suas leituras para Marx, Sorel, Lenine, Trotski, Plekhanov e outros. Também teria lido ainda mais autores nacionais velhos conhecidos como Alberto Torres, Oliveira Vianna e Euclides da Cunha.

Isso indica como, no clima dos anos 1920, havia uma agenda comum de problemas e questões que uniam os intelectuais e isso permitia trânsitos e contatos mesmo de inimigos de ideias, ao menos até a radicalização das ideias se converter em política. Não obstante, apesar do seu ecletismo, fica claro como algumas pessoas, organizações e grupos já eram mais importantes para Salgado do que outros, como os círculos do PRP, do verde-amarelismo e outros ligados ao fascismo italiano na cidade de São Paulo.

Aliás, a famosa visita de Plínio a Mussolini em 1930 só teria sido obtida graças à recomendação dos fascistas italianos de São Paulo e um observador de época comentou como o primeiro contato real de Plínio com as correntes autoritárias modernas foi justamente por meio do grupo fascista italiano de São Paulo, que Plínio frequentava.⁹ A vida na metrópole, assim, servia para refinar seu pensamento e para colocá-lo em contato com realidades, nacionais e internacionais, que, em São Bento do Sapucaí, seriam meras abstrações.

A presença do fascismo italiano em Plínio Salgado e a sua lenta conversão em um líder, em termos conceituais, fascista, me parece mais que evidente, como detalhei na biografia que escrevi sobre ele e em vários outros artigos e livros. O seu referencial teórico e as suas leituras internacionais, contudo, não se limitavam à Itália. Nos anos 1920 e 1930, fica explícito na produção intelectual e, especialmente, jornalística de Plínio Salgado, como ele acompanhava com atenção os acontecimentos no resto do continente americano e na Europa. Como não podia deixar de ser, dois países chamavam especialmente a sua atenção, além da Itália: a França, berço da cultura política ocidental, e Portugal.

A relação de Plínio com Portugal e com o salazarismo foi de suma importância. A trajetória dos movimentos de extrema-direita portugueses (e, em escala menor, espanhóis) era acompanhada com interesse dentro do integralismo. Jornais e revistas da AIB noticiavam e discutiam continuamente o progresso das ideias antiliberais e do corporativismo em Portugal, com palavras de elogio sendo dirigidas aos integralistas portugueses, aos nacional-sindicalistas e a Salazar, muitas vezes colocando-o ao lado de Hitler e Mussolini. O integralismo também se posicionou, depois de 1936, como seria de se esperar, do lado de Franco na Guerra Civil Espanhola.

Plínio Salgado, por sua vez, tinha boa parte de suas raízes culturais no mundo lusitano, gostava de ressaltar as qualidades da cultura e da raça portuguesas e tinha uma visão, que o acompanhou por toda a vida, da história brasileira em que o Brasil só fazia sentido como continuidade de Portugal.¹⁰ Uma posição que, obviamente, facilitava a comunicação e a solidariedade mútuas.

Nesse sentido, Plínio Salgado era claramente um admirador de Charles Maurras – como, aliás, quase toda a intelectualidade de direita no período – e se considerava um leitor de António Sardinha. A *Action Française* admirada por Plínio, contudo, era mais aquela dos anos 1920 e 1930, já muito modernizada e cujas aproximações com o fascismo se tornavam cada vez mais evidentes do que a do século XIX. Sendo, contudo, além disso, um pensador e político moderno, que não defendia o tradicionalismo e o corporativismo na sua versão católica e muito menos a Monarquia, a sua aproximação com Maurras ou com o integralismo lusitano podia ser tática, mas nunca estratégica.

Nesse ponto, discordo de Leandro Gonçalves¹¹ quando ele identifica uma influência substancial da *Action Française*, do integralismo lusitano e da Doutrina Social da Igreja em Plínio (e no integralismo) já nos anos 1930. Segundo ele, o pensamento de Plínio seria uma convergência do pensamento de Maurras, mediado pelo integralismo lusitano, e de aspectos do fascismo italiano. Em termos teóricos, contudo, isso era de difícil realização. Podia-se ser um fascista com leituras e admiração por Maurras e Pio XI ou um católico conservador com simpatias pelo fascismo, mas a soma das duas partes é, em termos teóricos, impossível, pois seria fundir concepções de política e de sociedade próximas, mas não equivalentes.

Claro que os intercâmbios e as trocas (muitas vezes corporificadas até mesmo fisicamente, como quando sacerdotes católicos participavam de movimentos fascistas) tornam o quadro muitas vezes complexo e a presença de fascistas e católicos nos mesmos movimentos dificulta ainda mais a definição de fronteiras. O exemplo dos chamados “fascismos clericais”, como os da Croácia, Eslováquia e outros países, é exemplar nesse sentido, ainda que o conceito em si seja discutível.¹² Mesmo assim, a história dos “fascismos clericais” é marcada, em linhas gerais, por uma contínua disputa interna entre o totalitarismo laico e o conservadorismo cristão, o que indica novamente como, em termos teóricos, não é possível combinar ambas as posições.

Dessa forma, Plínio era um leitor de Maurras e aspectos do pensamento dos integralistas lusitanos e franceses com certeza o agradavam. Os círculos católicos e monárquicos brasileiros também eram grandes admiradores de Maurras e tinham vínculos firmes com seus colegas em Paris ou Lisboa. Plínio e o integralismo, contudo, tinham uma visão de sociedade e política modernas, longe da volta às tradições dos monárquicos e tradicionalistas.

Talvez pudéssemos até afirmar que o Plínio dos anos 1930 era, em termos ideológicos, fascista demais para ser um católico conservador, mas, ao mesmo tempo, católico demais para ser um fascista nos moldes de Mussolini e Hitler, que eram, em essência, agnósticos. No entanto, era suficientemente fascista para entrar no rol dos fascistas mais próximos do catolicismo, comuns em toda a Europa do entre guerras. Maurras, Sardenha ou mesmo Salazar eram menos importantes para Plínio Salgado nos anos 1920 e 1930 do que uma análise impressionista pode indicar.

Como sinal disso, basta recordar uma carta de 14 de outubro de 1930 de Plínio Salgado a Augusto Frederico Schmidt, na qual ele parece indicar a sua pouca vontade em criar um movimento com centro na religião e no catolicismo:

V. me fala num jornal “Ação Brasileira”. Até parece a “Action Française”... Esse jornal quer ter eficiência política? E não será levado, no ardor da refrega, a

se encurralar na mesma situação em que se viram Daudet e Maurras? V. me fala de um partido. Qual será a sua bandeira? A religião? É muito para uma finalidade política; é pouco para uma ação prática, destemida, direi mesmo maquiavélica, uma hábil, aguda, segura mobilização, de forças aproveitáveis, de energias esparsas, contraditórias sob certos aspectos, mas passíveis de captação, de aplicação.¹³

O próprio Leandro Gonçalves faz outra citação de Plínio que, longe de encerrar conteúdos subliminares, parece esclarecer perfeitamente a questão:

O movimento integralista brasileiro é um movimento de cultura que abrange: 1º) – Uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo deste século e, conseqüentemente das ciências sociais, econômicas e políticas; 2º) – A criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parceladamente, o século passado. O integralismo, pois, no Brasil, é bem diverso do integralismo francês de Charles Maurras, porque esse não passa de um ‘nacionalismo integral’, com a preocupação de restaurar as tradições; diverso é, também, do Integralismo Lusitano, que transplantou o sentido tradicionalista da corrente gaulesa, com a tendência de reatar o processo social moderno ao espírito medievalista: e diferente é, por outro lado, não só do ‘racismo’ alemão, cuja tese da superioridade étnica exprime um prejuízo de cultura, como, ainda, do ‘fascismo’ italiano, ao qual somente nos assemelhamos no concernente à nova atitude do Estado, em face da luta social. [...] Trata-se, portanto, de um movimento original genuinamente brasileiro, como uma própria filosofia, um nítido pensamento destacado na confusão do mundo contemporâneo.¹⁴

Em outro texto de 2012, Leandro Pereira Gonçalves¹⁵ indica com mais clareza a sua interpretação da ideologia de Plínio Salgado. No seu entendimento, o pensamento de Plínio Salgado teria se originado da influência do integralismo lusitano - o qual seria oriundo, por sua vez, da *Action Française* e da Doutrina Social da Igreja -, bem como de alguns aspectos da doutrina e prática do fascismo italiano, regime do qual adotou o modelo do partido único e o corporativismo de Estado. Plínio teria buscado e procurado inspiração simultaneamente em Maurras, nas encíclicas de Leão XIII, nomeadamente na *Rerum Novarum*, e em Mussolini para compor seu pensamento. Como já indicado, em termos conceituais, tal amálgama era improvável. Além disso, tal raciocínio se baseia em pressupostos metodológicos que enfraquecem a sua força argumentativa.

Um elemento que vai contra a sua tese é que há uma quase total ausência de menções ao maurrasianismo nas obras do líder integralista. Dessa

forma, as evidências de que um influenciou o outro se resumem a impressões subjetivas, como se a similaridade de opiniões e perspectivas (real, em alguns casos) significasse automaticamente influência de um no outro. Referências contínuas a Maurras na obra de Salgado forneceria a evidência necessária e, já que elas não existem, Gonçalves passa a explicá-las a partir da resistência de Salgado e do integralismo em admitir uma origem externa do seu pensamento. Um argumento frágil, pois, apesar dessa resistência, são abundantes, na obra de Salgado e de outros líderes integralistas, as menções ao fascismo como fonte inspiradora.

Outro problema conceitual é que ele tenta demonstrar a unificação, no pensamento pliniano, de Maurras e de Mussolini, e que tal unificação não seria conceitualmente problemática devido ao fato de que o próprio fascismo italiano teria tido suas origens intelectuais na *Action Française*. Uma tese que parece ter origem no pensamento de Zeev Sternhell¹⁶ e que pode ser questionada. *Action Française* certamente estava no campo da extrema-direita e influenciou o fascismo tanto na França como na Itália, direta ou indiretamente. Mesmo assim, não houve uma unidade total em termos ideológicos e políticos. Fascismo e *Action Française* compartilhavam elementos comuns dentro de uma cultura mais ampla da direita, mas nem mesmo a *Action Française* dos anos 1930 se enquadraria perfeitamente no modelo fascista, sendo mais um movimento tradicionalista católico modernizado. Fundir ambas perspectivas numa única seria tarefa, em termos conceituais, quase impossível.

Outras falhas estão na sua base documental. Para demonstrar a importância fundamental dos integralistas lusitanos no pensamento de Plínio Salgado desde sempre, ele recorre a documentos produzidos pelos integralistas ou por Plínio Salgado depois de 1942, quando havia todo o interesse em criar essa imagem. Mesmo quando tenta demonstrar a proximidade dos patríonovistas brasileiros com Plínio Salgado, ele acaba recorrendo a documentos relativos à campanha presidencial de 1955, relativizando o fato chave que, nos anos 1930, os patríonovistas optaram por se afastar do integralismo justamente por sua postura republicana e moderna.

Também Hunsche¹⁷ escreveu que Plínio havia tido contatos, durante a sua estadia em Paris, com círculos da *Action Française* e dos *Croix de Feu* e que era leitor de Charles Maurras. Para Hunsche, seria Maurras a fonte do sentido religioso ou espiritual que a AIB dava à política. Tais contatos, contudo, nunca foram confirmados. O fato de o integralismo ser republicano, hesitar em se assumir como católico e a sua visão de Estado e sociedade indicam, além disso, os limites da influência de Maurras ou dos conservadores franceses no integralismo.

O mesmo pode ser dito no tocante ao integralismo lusitano. Antônio Costa Pinto¹⁸ menciona como Hipólito Raposo e Rolão Preto sempre eram mencionados nos textos de Plínio e que este se identificava com o corporativismo tradicional e espiritualista do integralismo lusitano, numa matriz católica comum. Para ele, Salgado teria sintetizado a literatura corporativista de Sardinha com algumas ideias italianas e absorvido, inclusive, a ideia da autonomia municipal.

A esse respeito, Hunsche¹⁹ e Medeiros²⁰ também avaliam que a versão integralista de Salgado era fortemente influenciada – o que não significa ser equivalente – por Sardinha e outros integralistas lusitanos. Em se tratando de história das ideias, são afirmações de difícil comprovação, e eu identifico mais uma presença desses autores portugueses dentro do modelo fascista do Plínio integralista do que uma influência decisiva, mas os contatos e as trocas intelectuais estão claros.

Os integralistas lusitanos devem ter discordado do caráter republicano do integralismo brasileiro, da sua ambição em mobilizar as massas populares e do seu caráter cristão, mas não totalmente católico. Ainda assim, é provável que tenha havido mais simpatia do que discordância, dados os claros pontos de afinidade na crítica antiliberal e anticomunista. Uma aproximação maior aconteceu apenas em Portugal a partir de 1942, dado o contexto mundial em mutação.

Salazar manteve distância do integralismo e mesmo de Plínio Salgado, ao menos até os anos 1960, quando a situação era outra. Já os nacional-sindicalistas de Rolão Preto tiveram mais simpatias pelos camisas verdes de Salgado, o que se corporificou em elogios mútuos nas suas publicações e mesmo a participação de alguns integralistas brasileiros em seus comícios em Portugal. Nacional-sindicalistas também escreveram a Salgado, solicitando e doando livros e publicações e ressaltando as similitudes entre os dois movimentos. Com eles, a proximidade ideológica era maior e um sinal indicativo disso é que, quando do exílio português, os primeiros esforços de Plínio foram para encontrar Rolão Preto, reforçando os laços com os integralistas lusitanos apenas depois do crucial ano de 1942.

A proeminência do modelo português só se tornaria real para ele e seus herdeiros após o colapso dos regimes fascistas na Segunda Guerra Mundial e da estada de quase sete anos de Plínio Salgado em terras lusitanas, entre 1939 e 1946. Nos anos 1930, seu modelo e inspiração ainda eram Roma e não Lisboa. Plínio, na década de 1930, era um líder fascista, não um conservador ao modelo de Salazar ou um reacionário como os integralistas portugueses.

Se fossemos procurar os verdadeiros reacionários do Brasil dos anos 1930 e os mais próximos interlocutores do integralismo lusitano, é possível

que os melhores candidatos fossem os patrianovistas. Próximos do integralismo lusitano e da *Action Française*, eles defendiam não um simples retorno do rei e da realeza, mas uma monarquia corporativa, católica e autoritária, que iria resgatar a nação dos riscos da desagregação social, do liberalismo e do comunismo. Eles compartilhavam com o integralismo o mesmo diagnóstico sobre os problemas nacionais e parte das soluções, o que permitia aos dois movimentos conviverem, mas não se fundirem. Como já mencionado, eles se aproximaram da AIB num primeiro momento e, depois, preferiram se afastar.²¹ Esse afastamento, aliás, é indicativo da força limitada dos conservadores no pensamento de Plínio e na AIB naquele momento.

Com a cultura alemã e com o nazismo, o integralismo, como já indicado pela historiografia, teve uma relação bem mais complexa e ambígua do que com o fascismo italiano, oscilando entre colaboração e confronto. Plínio, em si, tinha contatos limitados com o Terceiro Reich. Várias negociações e contatos entre os integralistas e os nazistas foram feitos e é claro que eles só podiam acontecer com a aprovação e a mediação de Salgado. Jornais integralistas também falavam muito bem do nazismo e isso não poderia ter acontecido sem a aprovação de Plínio.

Mesmo assim, a relação não parece ter sido muito íntima. Ele publicou um livro sobre o integralismo em alemão e jornais integralistas do Sul podiam ser especialmente enfáticos ao compará-lo com Hitler. Isso, contudo, refletia mais o esforço integralista em se aproximar da comunidade teuta no sul do Brasil do que uma ligação mais densa de Plínio com o nazismo.

Plínio Salgado era, como político e intelectual, um homem que compartilhava o mesmo universo mental de outros intelectuais e militantes políticos, tanto no Brasil como no exterior e que estava em contato com vários deles. Suas redes e ligações, contudo, eram precisas e refletiam o seu posicionamento político, de um líder fascista.

Miguel Reale²²

Nascido em São Bento do Sapucaí (SP) em 1910, era filho do médico italiano Brás Reale e de Felicidade da Rosa Góis Chiaradia, numa ascendência quase totalmente italiana. Até como reflexo disso, fez boa parte da sua formação secundária no tradicional colégio *Dante Alighieri* de São Paulo, na época totalmente voltado à difusão não apenas da cultura italiana, como também da ideologia fascista. No instituto, além de um currículo voltado a temas italianos e fascistas, havia toda uma simbologia fascista que rodeava os alunos. E, na sua biblioteca, além dos clássicos da cultura italiana, havia uma abundante

coleção de livros de Mussolini, Farinacci, Bottai e de filósofos políticos italianos ligados ao fascismo.²³ Os vários anos que Reale viveu nesse espaço não poderiam deixar de ter influência na sua trajetória posterior.

Essa origem italiana não significava, é claro, algum tipo de vinculação automática ao regime então dominante na Itália. Mas a sua socialização na *Dante Alighieri*, a fluência na língua italiana e o contato com a cultura daquele país com certeza influenciaram a sua visão de mundo e lhe permitiram acesso a informações e debates relacionados ao fascismo italiano a que outros líderes integralistas teriam tido mais dificuldades para acessar.

Mais do que italiano de origem, Reale era um pensador social e um nacionalista, no sentido que se dava ao termo na época, alguém preocupado com seu país (e, como filho de imigrantes, a necessidade de por à prova a sua “brasilidade” parece ter sido ainda mais intensa) e defendendo uma reforma total do Brasil num sentido autoritário e de controle e resolução corporativa das questões sociais.

Reale era, acima de tudo o mais, um advogado e, mais do que isso, um jurista e isso teve forte influência na sua vida profissional e pessoal. Ele se formou na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo em 1934 e doutorou-se na mesma em 1941. Até o fim de sua vida, ficou conhecido como um dos mais respeitados juristas brasileiros, tendo publicado dezenas de livros e preenchido inúmeros cargos públicos e privados, sempre na condição de advogado, jurista e pensador social.

Essas três condições – nacionalista brasileiro com origem na Itália, conservador e jurista – foram fundamentais para a formatação do seu pensamento, especialmente no período da Ação Integralista, à qual se filiou já em 1932. Nos seis anos seguintes, ele seria uma das principais lideranças, tendo publicado inúmeros livros sobre a doutrina e a prática política do movimento, dirigido revistas e jornais como *Panorama* e *Ação* e exercendo cargos relevantes, como Secretário Nacional da Doutrina.

Reale não era, com certeza, alguém isolado dentro da AIB e suas idéias e perspectivas eram compartilhadas, ao todo ou em parte, por outros militantes e líderes. Não obstante, sua maneira de ver os problemas de sua época e o próprio integralismo tiveram especificidades de monta, que merecem ser destacadas se queremos entender melhor tanto Reale como o movimento do qual ele fazia parte.

No tocante ao relacionamento do integralismo com os fascismos, por exemplo, Miguel Reale identificava sem problemas, nesses (que ele preferia chamar “movimentos nacionalistas”), a fonte inspiradora da qual o integralismo, após absorver também a essência dos pensadores brasileiros, havia tirado a força para nascer. Em seus vários livros da década de 1930, ele indica clara-

mente como o integralismo era parte, ainda que nacional, do mundo fascista, especialmente do modelo italiano.

Reale era, assim, um fascista e, acima de tudo, um fascista próximo do modelo do fascismo italiano. Claro que ele acompanhava com interesse outras experiências fascistas e corporativas, como a de Salazar, mas a sua filiação ideológica central era o fascismo italiano e isso é explícito em todos os seus livros no período.

Num dos jornais por ele dirigido (*Ação*, entre 1936 e 1938), fica igualmente explícita a sua predileção pelo fascismo italiano e, mais ainda, pelo corporativismo na versão fascista, a qual seria chave para a solução dos problemas do mundo.²⁴ Não espanta, assim, que o governo italiano visse, em Reale, um papel-chave para a penetração e o desenvolvimento da influência fascista no integralismo.²⁵

Também nas questões do antissemitismo, da influência católica e do problema operário, o diálogo com o fascismo italiano fica evidente. Reale tinha limitada influência da tradição católica no seu pensamento e o antissemitismo, para ele, sempre foi mais forma do que conteúdo. Ao mesmo tempo, sua preocupação contínua com a questão operária e a sua proposta de resolução, o corporativismo, indica mais uma vez a leitura que ele fazia do fascismo de Mussolini.

Não temos aqui, contudo, uma simples cópia do modelo fascista. Nas suas memórias²⁶, ele justificava a sua opção pelo fascismo identificando a qual ele se referia. Ele indica como o primeiro fascismo italiano, aquele dos anos 1920 e início dos 1930, representaria uma perspectiva realmente criadora, influenciada por Giovanni Gentile e Ugo Spirito. Esse primeiro fascismo refletiria a apreciação universal pelo corporativismo como forma de superar o comunismo e o liberalismo (como o de Michail Manoïlesco, por ele muito elogiado) e um momento em que Mussolini ainda não teria caminhado para o totalitarismo e o racismo. Assim, ele admite que, na elaboração do programa integralista e na sua versão particular de integralismo, houve influências desse primeiro fascismo, assim como dos grandes intérpretes dos problemas nacionais.

Mesmo sendo essa uma visão destinada ao consumo externo, a justificar a sua opção pelo fascismo, ela não está desprovida de verdade. Reale, nos anos 1930, era um fascista, como ele próprio admitia sem maiores problemas. Seu fascismo, contudo, tinha menos a ver com a matriz nazista ou dos fascismos clericais do centro da Europa e mais com o de Mussolini, especialmente com aquele da década de 1920 e início da de 1930, mais autoritário do que totalitário.

Miguel Reale, além disso, refletiu bastante sobre como adaptar o sistema corporativo e de Estado fascista para a realidade de uma Nação continen-

tal, indicando novamente que não havia uma simples cópia, mas adaptação e releitura.

No modelo de Reale, as corporações e os municípios seriam as chaves para permitir a constituição do Estado integralista, diluindo e amortecendo as tensões e diferenças. O município seria célula fundamental da estrutura corporativa e teria completa autonomia administrativa. Os líderes municipais seriam eleitos pelo sufrágio universal, aceitável em realidades locais, enquanto, na esfera nacional, o poder viria do alto. Se o liberalismo provocara o fortalecimento exagerado das unidades da Federação, a correção dessa estrutura seria feita mantendo-se a forma federativa, desde que combinada às corporações, à autonomia dos municípios e à centralização política, com o objetivo de equilibrar as forças entre as regiões e o Estado-Nação.

O exemplo de Reale indica o processo de leitura e adaptação de conceitos fascistas para uma realidade desconhecida da Europa, ou seja, as dimensões continentais do Brasil. Mesmo assim, essa reflexão não significou a elaboração de algo completamente novo, mas a adaptação de uma realidade internacional ao contexto nacional.

Gustavo Barroso

Gustavo Barroso era filho de uma alemã, mas a sua morte prematura inviabiliza a hipótese de que ela o tenha introduzido na língua da Pátria de origem. De qualquer modo, a sua origem germânica talvez explique porque ele dominasse a língua alemã a tal ponto que traduziu trechos de Fausto, de Goethe, para a Editora Garnier do Rio de Janeiro, em 1920. Ele lia esse idioma e também, como era padrão na elite intelectual brasileira de então, o francês. Como resultado esperado, é através desses idiomas – além do português e do espanhol - que ele apreendia o mundo exterior. Nos seus artigos e livros, são muitas as menções a obras antissemitas e de filosofia política publicadas na França e certos autores alemães - como Carl Schmitt, Alfred Rosenberg, Oswald Spengler, Werner Sombart e outros - são citados e comentados.

Na obra de Barroso, os elogios ao fascismo de Mussolini são contínuos, mas suas leituras e aproximações com a Itália são muito menos densas do que, por exemplo, em Reale. No tocante a Portugal e França, fica evidente a sua leitura e apreciação positiva da *Action Française* e do integralismo lusitano, especialmente no tocante à visão conspirativa da História e no papel fundamental do cristianismo e da Igreja Católica para enfrentar os riscos da modernidade.

Suas relações com Portugal, contudo, foram esporádicas. Ele defendia a herança lusitana brasileira como um fator mais do que positivo na formação

nacional e que ela deveria ser preservada – especialmente pelo viés cultural - enquanto instrumento para defender o país dos perigos do mundo moderno. Barroso, contudo, nunca se aproximou realmente dos movimentos reacionários ou conservadores portugueses, com a exceção de contatos esporádicos com intelectuais como Alfredo Pimenta, ainda nos anos 1930. Seu contato com o mundo lusitano só se tornou realmente denso a partir de 1940, quando, do mesmo modo que aconteceu com Salgado, ele estava em um processo de reciclagem ideológica, dentro do qual o “capítulo lusitano” era chave.²⁷

Em resumo, a influência indireta do pensamento tradicionalista francês e português em Barroso pode ser inferida e identificada, mas, nos anos 1930, ele não se via como um representante da *Action Française* ou do integralismo lusitano no Brasil. No máximo, ele podia identificar que tais grupos eram amigos e aliados, mas a sua opção era pelo fascismo e por um antissemitismo dos mais radicais que o levou a reforçar o seu vínculo – ideológico e material – com a Alemanha nazista.

Ele se apropriou e dialogou, em alguns casos, com o pensamento de um líder ou intelectual específico. No campo da economia, por exemplo, Barroso estabeleceu um diálogo com Gottfried Feder, responsável pela elaboração da política econômica do NSDAP. Para Feder, uma das características mais deploáveis da economia moderna era a escravidão dos povos ao poder financeiro, aos juros e às dívidas. Tal escravidão beneficiaria apenas à plutocracia internacional – quase toda, segundo ele, judaica - e a política econômica deveria se concentrar em romper seu poder, beneficiando as forças produtoras da sociedade. Uma postura que não ia contra a propriedade privada e o capitalismo, mas que identificava um inimigo mais específico – o capitalismo financeiro internacional, desenraizado e judeu – a combater. Anticapitalismo seletivo e antissemitismo acabavam, nesse contexto, por darem sentido um ao outro.²⁸

Barroso, nos seus vários trabalhos publicados na década de 1930, também foi um crítico ferrenho, pelo viés moral, da suposta dominação mundial exercida pelos plutocratas judeus através dos juros, das dívidas e do poder das finanças e a teoria da “servidão dos juros” de Feder lhe foi bastante instrumental. Ele adaptava, contudo, essa percepção geral à realidade de um país periférico do sistema capitalista. Afinal, se termos como “servidão” ou “escravização” faziam sentido até mesmo para a Alemanha, que dizer de um país que havia sido colônia e no qual a escravidão havia sido dominante até pouco tempo?

Barroso também foi o grande tradutor e adaptador dos mitos antissemitas para o público e a realidade brasileiras. Em linhas gerais, ele combinava aspectos do antissemitismo católico com o moderno, conspiratório, característico dos anos 1930. Nos seus inúmeros livros e artigos dessa década, sua praxe é praticamente a mesma: ele colecionava e repetia os principais mitos

conspiratórios antissemitas em voga internacionalmente e os adaptava à realidade brasileira.

Para tanto, suas atividades caminhavam em três direções. Em primeiro lugar, ele traduzia textos antissemitas internacionais para a língua portuguesa e os difundia através da máquina de propaganda integralista. Cabe recordar, inclusive, que Gustavo Barroso foi o responsável pela produção da primeira edição dos *Protocolos dos Sábios de Sião* no Brasil, após traduzir e comentar (“apostilar”) uma edição em língua francesa, possivelmente de autoria de Léon de Poncins.²⁹ A influência de Poncins no antissemitismo de Gustavo Barroso era, aliás, evidente, a ponto de o escritor reproduzir trechos das suas obras, como epígrafes, em livros como *Brasil: Colônia de banqueiros* (1934) e *O Integralismo e o mundo* (1936).³⁰

Outra de suas atividades era adaptar o pensamento antissemita mundial para a realidade brasileira. Dessa forma, surgem livros como *A Sinagoga Paulista* (1937), *Brasil: colônia de banqueiros* (1934) e *História Secreta do Brasil* (1936).³¹ Nesses trabalhos, ele deixava evidente que a conspiração judaica internacional não era algo alheio à realidade nacional, mas algo que permeava a história e a sociedade brasileiras.

Por fim, Barroso também produziu inúmeros artigos e livros refletindo sobre a questão do antissemitismo em si e a respeito das questões prementes do seu tempo (corporativismo, comunismo, fascismo etc.). Nesses textos, o simples reprodutor e difusor de ideias dá lugar ao produtor, ao criador. É claro que as influências internacionais continuam a surgir em seu trabalho, mas ele também passa a ser um influenciador do trabalho e do pensamento de outros.

Isso fica especialmente evidente na sua tradução dos *Protocolos dos Sábios de Sião*. Ao invés de simplesmente traduzir a versão francesa, Gustavo Barroso dedicou um capítulo na edição brasileira para esclarecer aos seus leitores que o texto não era uma fraude e, além disso, incorporou uma série de notas nas quais a sua visão do antissemitismo fica explícita.³²

No tocante ao fascismo, talvez ninguém tenha sido mais explícito do que Gustavo Barroso ao identificar a filiação ideológica do integralismo como dentro do universo fascista. Em seus livros e artigos, ele escrevia como os integralistas não copiavam nem plagiavam o fascismo, mas que eram ramos da mesma árvore e filhos da mesma doutrina, resultados da mesma concepção totalitária do universo.

É no seu livro *O Integralismo e o mundo* (1936)³³, que ele expõe com mais precisão a sua posição. Como reação ao materialismo, teriam surgido, nos cinco continentes, movimentos nacionalistas que lutariam para derrotar a este e a seus filhos, como o comunismo, o internacionalismo, o judaísmo etc. Todos teriam sido criados segundo as suas especificidades nacionais e o

integralismo seria o mais próximo da perfeição, superando o cesarismo da versão italiana e o paganismo da alemã. Mas ele não hesitava em apresentar o integralismo como o “fascismo no Brasil”, concluindo uma reflexão em que ele não identificava, no seu movimento, algo inferior ou mimetizado de um original superior, mas participante de uma família maior.

Também no tocante ao antissemitismo, o processo de reelaboração prossegue. Creio haver pouca dúvida de que Barroso foi antissemita e que pode ser considerado, senão o maior, ao menos um dos mais importantes ideólogos do antissemitismo no Brasil. A discussão começa quando se tenta compreender a gênese do seu antissemitismo. Uma corrente historiográfica tende a ver nele um antissemitismo de caráter moderno, não copiado do nazismo, mas por este influenciado, e potencialmente genocida. Ela reconhece que o foco do antissemitismo de Barroso é contra o judeu conspirador, símbolo do mal, e não obrigatoriamente contra a raça judaica, mas deixa entender que ele estava mais próximo do modelo nazista do que do católico, medieval.

Já outra corrente tende a dissociar o antissemitismo de Barroso do racialismo nazista. Segundo esta ideia, o judeu odiado por Barroso era um judeu simbólico, que representava o mal do mundo moderno. O alvo do ódio, pois, não era necessariamente a raça judaica, mas todos aqueles que seguissem o “espírito judaico”, ou seja, materialista, anticristão etc. Também dentro desse inimigo a ser combatido estariam as organizações secretas (como a Maçonaria) fundamentadas no “espírito judaico” e todas as ideologias que dele derivariam, como o iluminismo, o liberalismo, o protestantismo, a democracia, o capitalismo, o socialismo, o caos e a anarquia. Uma perspectiva centralmente de viés católico tradicionalista contra o mundo moderno, em resumo.

Num balanço dessa bibliografia³⁴ e examinando os textos publicados pelo intelectual cearense, verifica-se como, na obra de Barroso, o tom era, claro, ferozmente antissemita, mas não na direção da raça judaica, com ideias de segregação ou eliminação. O tom discursivo da sua obra, porém, era tão antissemita que a perspectiva do seu ódio atingir os judeus enquanto povo é mais do que provável, se as condições o permitissem.

Tudo isso, claro, facilitava o seu diálogo com os nazistas, por exemplo, e não é à toa que Berlim o visse com simpatia, convidando-o inclusive para eventos na própria Alemanha. Mas diálogo e simpatia não significavam, automaticamente, igualdade de pensamentos e, ao examinar a sua obra, os sinais maiores são de que a segunda corrente acima mencionada esteja mais próxima da realidade, ainda que o ódio contra os judeus propriamente ditos não estivesse ausente.

Gustavo Barroso, portanto, não copiou simplesmente o antissemitismo nazista ou repetiu os parâmetros tradicionais daquele católico e tradicional.

Ele fez uma combinação original, na qual aspectos do primeiro serviam para reforçar uma postura mais próxima do segundo. A partir daí, ele passou a criador e difusor de ideias e não apenas receptor e, no limite, copiadador.

Dessa forma, seus artigos e livros passam a ser lidos e se espalharam dentro da rede fascista mundial, aparecendo no Canadá, na Alemanha, no Chile e em outros locais. De forma emblemática, contudo, a recepção da própria obra barrosiana nesses países e em outros também foi diferenciada e selecionada.

No caso da Alemanha, o antissemitismo virulento de Barroso agradou setores do governo do III Reich, o qual manteve uma relação amistosa com o líder integralista. Ele mantinha contatos com a Embaixada alemã e ficou satisfeito quando uma resenha sobre um de seus livros foi publicada no jornal de Julius Streicher na Alemanha, o *Der Sturmer*. Aparentemente, uma relação densa, mas uma pesquisa minuciosa de René Gertz³⁵ revelou, na verdade, apenas duas pequenas notas sobre Barroso publicadas no jornal entre 1934 e 1938, o que indica uma aproximação superficial.

Gertz também analisa a aproximação, real, entre Gustavo Barroso e o Instituto Ibero-Americano, de Berlim. O Instituto foi criado em 1930 com a função de dedicar-se ao estudo de Portugal, Espanha e dos países de tradição ibérica na América. Seus objetivos declarados eram os de fomentar as relações culturais entre a Alemanha e os países citados. Barroso tentou aproximar-se do nazismo e do Instituto Ibero-Americano, enviando cópias dos seus livros e tentando granjear as suas simpatias, mas com pouco sucesso.

Em 1940, depois de todos os problemas enfrentados com a atuação do partido nazista no Brasil, o Instituto foi utilizado, pelo governo alemão, para tentar recompor os laços entre o Brasil e a Alemanha e a estratégia era a de convidar pessoas de destaque para visitarem a Alemanha. Dentro dessa prática foi formulado, em 1940, um convite para que Gustavo Barroso visitasse a Alemanha. Ele o fez e ficou em território alemão, com a concordância do governo Vargas, por cinco semanas. Gertz conclui, contudo, que o convite veio mais pela mediação do Embaixador alemão no Brasil do que por alguma especial atenção do Instituto.

Além disso, na documentação analisada por Gertz, fica clara a desconfiança do governo alemão por Barroso, devido ao seu “nativismo brasileiro” acentuado e potencialmente danoso aos interesses germanistas. Dessa forma, fica evidente como a simpatia de Barroso pelo nazismo e vice-versa era cheia de nuances e reticências. Isso reflete um diálogo, um contato entre atores distintos e não simples cópia ou adaptação dos ideais nazistas por parte de Gustavo Barroso.

Os leitores de Barroso no Cone Sul latino-americano também liam e interpretavam o seu pensamento conforme suas conveniências, ao mesmo

tempo em que ele também lia e analisava o que ocorria nos países vizinhos com seu foco particular, ou seja, o de um grande defensor das tradições militares brasileiras, do Império e da sua atuação no Rio da Prata no século XIX.

Com efeito, os trabalhos de Gustavo Barroso eram lidos e comentados em círculos antissemitas, conservadores ou fascistas no Cone Sul e seus artigos apareciam em jornais e revistas como o argentino *Crisol* e o uruguaio *Corporaciones*. Cabe ressaltar, ainda, que Gustavo Barroso foi autor de uma obra (*Roosevelt é judeu*, 1938) na qual era “denunciada” a suposta ancestralidade judaica de Roosevelt.³⁶ A obra de Barroso foi traduzida para a língua castelhana e publicada nos *Cuadernos Antijudios*, do jornal nacionalista *Crisol*, tendo ampla repercussão. Por fim, o prefácio do livro *O Integralismo e o Mundo* (1936), de Gustavo Barroso foi escrito pelo uruguaio Adolfo Agório e publicado originalmente na revista *Corporaciones* em janeiro de 1936.

Essa divulgação mais ampla é, por si só, de interesse por indicar, novamente, a importância dos intelectuais na formação de vínculos entre os movimentos e grupos fascistas. Chama a atenção também, contudo, como a obra barrosiana foi interpretada e reelaborada conforme os interesses de cada grupo. No Chile, os nacistas praticamente a ignoraram, já que não queriam ser confundidos com o seu antissemitismo³⁷, enquanto jornais nacionalistas argentinos como *Crisol* e *Bandera Argentina* a elevavam justamente por isso.³⁸

No Uruguai, por sua vez, a obra de Barroso teve repercussão especial, sendo o intelectual cearense citado em continuidade nas páginas de *Corporaciones*. Para os revisionistas uruguaios, contudo, o que mais chamava a atenção no seu pensamento não era o antissemitismo, mas a sua concepção cristã e corporativa do mundo, em oposição ao materialismo liberal.³⁹

Já no caso do Canadá, Barroso manteve um contato epistolar e troca de artigos e informações com o *Führer* canadense, Adrien Arcand⁴⁰, e o antissemitismo radical era a linguagem comum que facilitava e estimulava esse diálogo. O interessante, nesse aspecto, é que, apesar do discurso radical que os aproximava, havia diferenças significativas entre eles. O antissemitismo era muito mais central para os movimentos liderados por Arcand do que para o integralismo, enquanto a aproximação do líder canadense com o nazismo foi muito mais acentuada, tanto que caminhou para um antissemitismo racialista ao qual Gustavo Barroso não aderiu, ao menos não integralmente.

Em resumo, o antissemitismo era o filtro que permitia essa aproximação, mas ela era mediada por visões diferentes do que significava ser antissemita e pelos interesses internos de cada movimento ou líder. Dessa forma, trechos de obras de Arcand ou de artigos de Barroso podiam ser ignorados ou reescritos quando republicados do outro lado da América se e quando fosse necessário para os interesses de momento de cada um.⁴¹

Barroso, dessa forma, não foi simplesmente o divulgador dos mitos antissemitas europeus e, especialmente, do nazismo, no Brasil. Ele combinava, no seu pensamento, aspectos do tradicionalismo católico com as novas vertentes do antissemitismo e os transformava em prática política, especialmente para a luta pelo controle da Ação Integralista com Plínio Salgado. Ele lia o mundo ao seu redor – e os outros o liam – de forma dinâmica, permitindo que o diálogo das ideias e das práticas políticas se desse.

Considerações finais

É tradicional afirmar que, dentro do integralismo brasileiro, haveria três grandes alas: uma mais conservadora, mística e próxima do catolicismo (Plínio Salgado), uma corporativa, próxima do fascismo italiano e mais preocupada com a organização do Estado e a questão social (Miguel Reale) e outra romântica, centrada no tradicionalismo católico, no antissemitismo e vizinha, em algum nível, do nazismo (Gustavo Barroso). Essa divisão, claro, pode ser questionada, e variações outras, usando critérios diferentes, poderiam ser estabelecidas. Não obstante, é uma divisão, em linhas gerais, correta, nos permitindo ter uma noção mais precisa dos diversos “integralismos” que conviviam dentro da Ação Integralista Brasileira.

Ressalte-se, apenas, que temos que tomar cuidado para não ver o integralismo como um aglomerado de correntes e grupos em choque, sem nada em comum. Por mais que disputassem poder e tivessem ideias, até certo ponto, diversas, as várias correntes integralistas se mantiveram, em essência, unidas até o fim a partir de um mínimo comum e esse mínimo comum era fascista. O integralismo não era uma massa de ideologias e práticas políticas dispersas, mas um projeto fascista capaz de absorver nuances e discussões internas, sem perder a identidade maior.

Essa unicidade e variabilidade ficam evidentes dentro do pensamento e da ação política dos três principais líderes do movimento, ou seja, a tríade Salgado-Barroso-Reale, aqui estudada. Outros líderes poderiam ser acrescentados dentro do presente estudo, como Olbiano de Mello ou Jeová Motta, os quais indicariam ainda com mais precisão os inúmeros debates e questionamentos que corriam dentro da Ação Integralista e que chegaram a levar, inclusive, a fortes disputas internas e mesmo ao afastamento de alguns grupos, como o de Jeová Motta ou o de Severino Sombra, do movimento.

Um fato crucial a recordar, nesse ponto, era que os líderes integralistas eram, em essência, intelectuais que se tornaram políticos e que mantiveram suas atividades como intelectuais mesmo quando militavam no integralismo. Ao contrário de outros movimentos fascistas (como na Alemanha e na Itália,

por exemplo), nos quais a participação dos intelectuais foi expressiva, mas não dominante, a AIB, na sua liderança, era efetivamente um movimento dos chamados “homens de letras” ou da cultura.

A fusão entre o intelectual e o político era, na verdade, uma bandeira da intelectualidade brasileira desde o início do século XX e se repetiu em outros países, como na França ou em Portugal, nos quais os intelectuais também defendiam o seu direito a serem classe dirigente justamente pelo seu domínio da cultura. No caso brasileiro, inclusive, ela se repetiu, em outros termos, no próprio Estado Novo varguista.⁴²

Essa característica do integralismo pode nos ajudar a compreender várias de suas características, como a relativa ingenuidade política de sua liderança, as enormes diferenças e conflitos internos, a sua melhor elaboração teórica e ideológica frente a outros fascismos e, igualmente, os seus vínculos internacionais e transnacionais especialmente sólidos.

No tocante à fragmentação interna, cumpre ressaltar que os movimentos fascistas nunca foram, na verdade, as estruturas monolíticas, em termos de ideologia e hierarquização do poder, com as quais eles se identificavam. Disputas de poder, ideológicas e por espaço e prerrogativas foram uma constante tanto nos regimes fascistas como nos vários movimentos e não deve nos admirar, portanto, que a Ação Integralista também tenha vivido esse processo.

No entanto, o fato de a AIB ser um movimento criado e conduzido, essencialmente, por intelectuais talvez possa ser um elemento explicativo a mais para explicar a sua fragmentação interna e o enorme esforço que teve que ser feito, especialmente por Plínio Salgado, para impedir que as disputas internas levassem a uma desagregação do movimento.

Com efeito, os intelectuais, enquanto produtores de cultura, têm, no debate das ideias, a sua própria razão de existir e um movimento no qual os principais líderes eram, ao mesmo tempo, intelectuais, não podia deixar de ter debates internos particularmente intensos, mesmo quando submetidos à disciplina partidária ou à vontade do líder. Ao mesmo tempo, a simples presença desses debates pode ter colaborado para dar ao integralismo uma densidade teórica mais elaborada do que outros movimentos – como, novamente, indicam os exemplos italiano e alemão – que só foram refinar suas perspectivas ideológicas depois da conquista do poder.

Os intelectuais, tradicionalmente, contam com os instrumentos necessários – especialmente o domínio de outros idiomas e o acesso à produção cultural de outros países – para colocar as questões e problemas nacionais e próprias dentro de uma perspectiva maior, internacional. No caso dos integralistas, essa situação fica evidente, pois foi através de livros, jornais, contatos epistolares e outros meios semelhantes que eles conseguiram articular o interno com o exter-

no e dar um sentido mundial, fascista à sua luta, mesmo quando, por motivos de política interna, eles hesitassem em assumir isso abertamente.

Dessa forma, foi através da sua ação intelectual que Barroso, Reale e Salgado conseguiram pensar os problemas e questões do Brasil com um foco mundial, passando a identificar o país como parte de um conjunto maior - ocidental e mesmo mundial - e o seu movimento político como integrante de uma “onda” muito maior que varria o Ocidente, ou seja, o fascismo.

É questão sem resposta imaginar como esses homens teriam pensado o Brasil e a própria AIB se o país estivesse completamente isolado do resto do mundo. Ele não estava e os integralistas conseguiam identificar, sem dificuldade, que seu universo mental – especificidades nacionais à parte – era compartilhado por muitos outros, na Europa e na América. O diagnóstico da crise da civilização e seus inimigos era, em essência, o mesmo, ainda que as soluções que se apresentavam variassem.

Compartilhar o mesmo universo mental não significava, dessa forma, dividir obrigatoriamente as mesmas soluções e perspectivas e não entender isso leva a confusões que precisam ser revistas. Gustavo Barroso apreciava aspectos do nazismo alemão, mas não era nazista, enquanto Miguel Reale citava e comentava a legislação trabalhista portuguesa sem se converter em um salazarista por isso. Do mesmo modo, Plínio Salgado lia e aprovava muitas das ideias e abordagens de Charles Maurras ou de António Sardinha, mas as reelaborava e articulava dentro de sua própria proposta, fascista, sem se tornar um tradicionalista católico ou um monarquista. Só a partir de 1942 é que ele quis, por motivos táticos, dar a impressão de ter sido sempre um conservador e não um fascista.

As obras desses homens, por sua vez, podiam ser lidas de forma diferenciada por outros que estavam dentro do mesmo universo mental da direita, mas com perspectivas diversas. Os fascistas italianos ou os nazistas viam, nos três líderes integralistas, provas de que o fascismo se expandia na América do Sul, ainda que (com a exceção de Reale) criticando-os quando necessário.

Já os outros movimentos e intelectuais fascistas ou de direita do Cone Sul latino-americano, por exemplo, os interpretavam da maneira que lhes convinha para seus debates internos. Um intelectual católico do Chile podia transcrever trechos da obra de Barroso e Salgado que ressaltavam a origem católica do renascimento nacional brasileiro, mas ignorando o aspecto instrumental com que ambos lidavam com o catolicismo. Ao mesmo tempo, um jornal fascista e antisemita argentino podia citar as agressões verbais de Barroso aos judeus para agradar ao seu público, ignorando que os próprios nazistas faziam reservas ao tipo de antisemitismo que ele manifestava. A flexibilidade no selecionar e recortar textos permitia um diálogo mutuamente benéfico

entre os vários campos da direita (conservadores, reacionários, fascistas, etc.) naqueles anos.

Essa flexibilidade, contudo, tinha seus limites. Plínio Salgado, por exemplo, podia citar Antônio Sardinha ou Charles Maurras como aliados e irmãos de luta se fosse conveniente, mas qualquer relação mais densa com os representantes do integralismo lusitano ou da *Action Française* demandaria a resolução de conflitos mais sérios – a questão da Monarquia, o tipo de corporativismo que se pretendia atingir, a função do catolicismo na nova ordem etc. – e, provavelmente, isso seria impossível. Do mesmo modo, um jornal nazista que quisesse adensar seu relacionamento com Barroso teria que encontrar uma forma de aproximar seu antissemitismo racialista do fronteiro entre o tradicionalista e o racialista de Barroso, o que geraria problemas.

Do mesmo modo, não basta identificar dois fenômenos semelhantes para concluir que ambos se relacionavam, seja como causa-efeito, fonte-destino ou em termos de leituras mútuas. Luiz Mário Ferreira Costa⁴³, por exemplo, identificou as aproximações no pensamento entre Gustavo Barroso e Álvaro Pimenta e entre Plínio Salgado e Rolão Preto, afirmando que essas aproximações confirmariam as interinfluências e os vínculos transnacionais entre eles.

Na realidade, o que essas aproximações demonstram, antes de tudo, é que o corpo de questões, problemáticas e avaliações desses homens era comum, o que permitia o diálogo. A fonte de tal base comum, contudo, não era obrigatoriamente a leitura que um fazia do outro, mas o próprio espírito do tempo. Só poderíamos falar de interinfluências reais se, no corpo dos textos produzidos por esses intelectuais, eles se citassem fortemente uns aos outros, o que não parece ser o caso. Do mesmo modo, o próprio Luiz Mário indica como os contatos entre os quatro foram episódicos e pouco densos, o que indica que a transnacionalidade, como conceito⁴⁴, não se aplica perfeitamente aqui.

A revelação dos vínculos transnacionais pode ser, na verdade, um instrumento útil para evidenciar as fronteiras entre colaboração e simpatia, entre real aproximação e vínculos difusos. Transnacionalismo, com efeito, é um conceito que vai além de identificar o pertencimento a um universo mental e político em comum. Ele busca evidenciar as reais conexões entre intelectuais e políticos, entre grupos e movimentos, e não apenas aproximações subjetivas e que, muitas vezes, não podem ser confirmadas.

Pode-se afirmar, por exemplo, que Plínio Salgado, nos anos 1920 e 1930, leu as obras dos integralistas lusitanos e de Charles Maurras e que foi por elas influenciado. Ele não procurou, contudo, uma aliança com esses grupos, até o momento (após 1942) em que considerou a experiência fascista em cheque e procurou se reinventar. Nos anos 1920 e 1930, ele não frequentava

os ambientes católicos e tradicionalistas e nem buscava contatos e amizades com os portugueses, mas visitava o fascio de São Paulo e a Embaixada italiana, recebia financiamento do Ministero degli Affari Esteri italiano e escrevia cartas laudatórias a Mussolini. Ao visitar a Europa, em 1930, ele pode ter dedicado algum tempo, nos cafés em Paris e Lisboa, para ler a literatura do tradicionalismo católico. Mas seu interesse maior foi permanecer o maior tempo possível na Itália e ser recebido pelo Duce.

Reale, por sua vez, mantinha vínculos reais e contínuos com o governo italiano e as citações nas suas obras são quase todas de textos com origem na Itália. Já Barroso, apesar de tanto apreciar o tradicionalismo católico francês e de, provavelmente, ter a sua formação de base originária nele, tentou, no decorrer da década de 1930, se aproximar da Embaixada e do governo do III Reich, ainda que sem sucesso, e não de Charles Maurras. Ou seja, é possível identificar vínculos transnacionais reais entre os atores e, nessa identificação, captar com mais precisão quem era quem dentro desse universo.

Nesse contexto, Plínio Salgado bebeu, para articular o nacional e o internacional no seu pensamento e ação política, nas discussões e leituras que vinham da França, incluindo, mas não se limitando, a Maurras. Do mesmo modo, ele leu e avaliou a experiência portuguesa, especialmente a do integralismo e do nacional-sindicalismo. Ao final, contudo, foi a experiência do fascismo italiano que condicionou as suas ações, do mesmo modo que a de Miguel Reale. Já Barroso tinha raízes no tradicionalismo católico francês e, em menor escala, no português e seu flerte com o nazismo foi menos denso do que parece, mas sua opção pelo fascismo é clara, tanto que ele compartilhava com o tradicionalismo católico mais a identificação dos problemas da humanidade do que as hipóteses de solução.

A experiência intelectual desses homens, portanto, ia além do Brasil ou da América do Sul e se articulava com outras, na França, na Itália, na Península Ibérica e na Alemanha. Eles liam e interpretavam o que vinha desses locais, estabelecendo um diálogo com essas realidades a partir de suas próprias preocupações e conforme suas habilidades linguísticas e culturais. Um diálogo que não era entre partes iguais, já que eles mais traduziam e absorviam o que era produzido nesses centros do que o contrário. Mas um diálogo, que dava sentido e explicava a sua experiência e o integralismo.

Para o integralismo como um todo, pode-se afirmar que a sua relação central, nos anos 1930, era com a Itália fascista, de forma coerente com o seu caráter, fascista. Com a Alemanha, a relação era menos densa, refletindo a pouca repercussão da versão alemã do fascismo entre os intelectuais brasileiros, mesmo entre os integralistas. Com os movimentos políticos de Portugal, da Espanha e mesmo da França, a relação era de proximidade e simpatia, mas

não de estabelecimento de vínculos reais. Para a Ação Integralista e seus intelectuais/políticos, o foco, nos anos 1920 e 1930, era Roma, e não Lisboa ou Berlim, enquanto Paris era o foro que alimentava discussões, mas não mais do que isso. Depois de 1942, Plínio Salgado alterou esse foco na direção lusitana, mas, antes dessa data, como a maioria dos integralistas gostava de admitir, eram as colinas romanas que voltavam a conduzir a História e eles queriam fazer parte dessa nova era.

RESUMO

O objetivo central desse artigo é discutir a visão internacional e as conexões transnacionais mantidas pelos três principais líderes do integralismo brasileiro – Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale – com o mundo exterior, especialmente com interlocutores na Europa e no continente americano. A hipótese central a ser examinada é que pensamentos semelhantes e simpatia mútua não implicam obrigatoriamente em interações reais e podem apenas refletir o “espírito do tempo”. A proposta analítica é separar simpatias, agendas, diagnósticos e soluções similares de conexões ideológicas e políticas reais, de forma a identificar com maior precisão os atores em disputa no período considerado.

PALAVRAS-CHAVE

Integralismo; transnacionalismo; Plínio Salgado; Miguel Reale; Gustavo Barroso.

Salgado, Reale and Barroso. Politicians and intellectuals circulating among Brazil, Italy, Germany, France and Portugal.

ABSTRACT

The main objective of this article is to discuss the international vision and the transnational connections maintained by the three main leaders of Brazilian integralism - Plínio Salgado, Gustavo Barroso and Miguel Reale - with the outside world, especially with interlocutors in Europe and in the Americas. The central hypothesis to be examined is that similar thoughts and mutual sympathy do not imply in real interactions, and may only reflect the ‘spirit of time’ to which everyone referred to. The analytical proposal is to separate similar sympathy, agendas, diagnosis, and solutions from real ideological and political connections, in a way to identify more accurately the actors in dispute in the period considered.

KEYWORDS

Integralism; transnacionalism; Plínio Salgado; Miguel Reale; Gustavo Barroso.

NOTAS

1. Uma versão preliminar desse texto foi apresentada no Colóquio “Crossing Borders: Intellectuals of the Right and Politics in Europe and Latin America. Transnational Perspectives”, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal, em outubro de 2016. Agradeço ao CNPq pelo financiamento da viagem.
2. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá e pesquisador do CNPq. Contato do autor: fabiobertonha@hotmail.com. Site pessoal: <www.joaofabiobertonha.com>.
3. SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, Renè. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV; Ed. UFRJ, 1996, p. 231-269.
4. BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder. Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
5. As informações sobre Plínio Salgado vieram, salvo menção em contrário, de BERTONHA, João Fábio. *Integralismo. Problemas, perspectivas e questões historiográficas*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014 e *Plínio Salgado: biografia política (1895-1875)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
6. BATISTA, Alexandre Blankl. *Mentores da nacionalidade: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado*. Porto Alegre, 2006. Dissertação (História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
7. SALGADO, Plínio. *Tempo de Exílio (correspondência familiar - I)*. São Paulo: Voz do Oeste, 1980, p. 50.
8. SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 11
9. HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Integralismo Brasileiro - História e caráter do movimento fascista no Brasil*. Porto Alegre: Centro de Documentação AIB/PRP, 1996. (original em alemão de 1937), p. 31-32
10. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen De. *Totalitarismo e Revolução: O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987; Salgado, Plínio. *O ritmo da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1949, p. 247-253.
11. GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. São Paulo, 2012. Tese de Doutorado (História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012, p. 165-202.
12. GRIFFIN, Roger, The ‘Holy Storm’: ‘clerical fascism’ through the lens of modernism. *Totalitarian movements and political religions*, v. 8, n. 2, 2007, p.213-227 e POLLARD, John. “Clerical Fascism”: context, overview and conclusion”. Idem, p. 433-446.
13. *Plínio Salgado*. São Paulo: Edições da Revista Panorama, 1936, p. 24-25.
14. SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*. São Paulo: GRD, 1995, p. 55 (original de 1934) *Apud*: GONÇALVES, Leandro Pereira. *Op. Cit.*, p. 175.
15. GONÇALVES, Leandro Pereira. Plínio Salgado e o integralismo: relação franco-

-luso-italiana. *Lusitânia Sacra: Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa*, 2ª série, n. 26, 2012, p. 133-154.

16. STERNHELL, Zeev. *Ni droite ni gauche. L'idéologie fasciste en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

17. HUNSCHE, Carlos Henrique. *Op. Cit.*, p. 65.

18. PINTO, Antônio Costa. *Os Camisas Azuis - Ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal, 1914-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 193-194.

19. HUNSCHE, Carlos Henrique. *Op. Cit.*, p. 105-109.

20. MEDEIROS, Jarbas. Plínio Salgado. In: *Ideologia autoritária no Brasil (1930-1945)*, 379-599. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978, p. 379-599, especialmente p. 595-599.

21. MALATIAN, Teresa. *Império e Missão - Um novo monarquismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2002.

22. Sobre Reale, salvo menções em contrário, ver BERTONHA, João Fábio. O pensamento corporativo em Miguel Reale: leituras do fascismo italiano no integralismo brasileiro. *Revista Brasileira de História*, v. 33, n. 66, 2013, p. 269-286.

23. FRANCHINI, Fernanda. *Entre Vargas e Mussolini. A nacionalização do Instituto Dante Alighieri (1937-1942)*. São Paulo, 2015. Dissertação de Mestrado (Educação), Universidade de São Paulo, 2015.

24. BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Sob a Sombra do Eixo: Camisas verdes e o jornal integralista Acção (1936-1938)*. Marília, 2007. Dissertação de Mestrado (Sociologia), Universidade Estadual Paulista, 2007.

25. BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Segunda edição, revista e atualizada, 2017)

26. REALE, Miguel. *Memórias 1 - Destinos Cruzados*. São Paulo: Editora Saraiva, 1986, p. 74-75.

27. COSTA, Luiz Mário Ferreira. *Os “intelectuais-heróis” e a mitologias políticas contemporâneas*. A história transnacional da produção intelectual de Gustavo Barroso, Alfredo Pimenta, Plínio Salgado e Rolão Preto. Juiz de Fora, 2015. Tese de Doutorado (História), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.p. 97-99.

28. LIMA, Marcelo Alves de Paula. Da “servidão dos juros” à “colônia de banqueiros”: uma análise dos escritos de Gottfried Feder e Gustavo Barroso. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*, v. 5, n. 3, 2013, p. 202-225.

29. BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, São Paulo: Minerva, 1936.

30. BARROSO, Gustavo. *Brasil. Colônia de Banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934; _____. *O Integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

31. BARROSO, Gustavo. *Brasil: colônia de banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934; _____. *História Secreta do Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936; _____. *Sinagoga Paulista*, Rio de Janeiro: Editora ABC, 1937.

32. DANTAS, Elyaldo Gonçalves. *Gustavo Barroso, o fuhrer brasileiro: nação e identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937*. Natal, 2014. Dissertação de Mestrado (História), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.
33. BARROSO, Gustavo. *O Integralismo e o mundo*, *Op. Cit.*, 1936.
34. BERTONHA, João Fábio. *Integralismo*. Problemas, perspectivas e questões historiográficas
35. GERTZ, Renè. Influência política alemã no Brasil na década de 1930. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el caribe*, v. 7: n. 1, 1996.
36. BARROSO, Gustavo. *Roosevelt es Judío*. Buenos Aires: La Mazorca, 1938.
37. BERTONHA, João Fábio. Los nacistas chilenos y el mundo. Las relaciones entre el Movimiento Nacional-Socialista de Chile y sus vecinos sudamericanos (1932-1938). In: BERTONHA, João Fábio; BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Circule por la derecha. Percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973*. Los Polvorines: Ediciones Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016, p. 149-168.
38. ALMEIDA, Daniela Moraes de. “Representaciones y relaciones entre la Legión Cívica Argentina y el integralismo brasileño (década de 1930)”, In: BERTONHA, João Fábio; BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Op. Cit.*, p. 129-148.
39. MARQUES, Victor Raoni de Assis. La extrema derecha em terras tupiniquins e charruas. Diálogos entre el integralismo brasileño y el revisionismo uruguayo. In: BERTONHA, João Fábio; BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Op. Cit.*, p. 111-128.
40. As relações por meio de cartas e troca de artigos entre Adrien Arcand e Barroso parecem ter sido de alguma importância, especialmente se levarmos em conta a distância geográfica e cultural entre Brasil e Canadá. Ver Barroso, Gustavo. “O Fascismo no Canadá”. *A Offensiva*, 20/9/1934 e artigo de Gustavo Barroso (“Bataille Fasciste au Brésil”) publicado em *Le Fasciste Canadien*, ano 2, n. 5, outubro 1936. O antissemitismo radical, obviamente, servia de ponte entre ambos.
41. BERTONHA, João Fábio; CALDEIRA NETO, Odilon. Fascismos e fascistas em comparação: Gustavo Barroso, Adrien Arcand e o antissemitismo no Brasil e no Canadá no entre guerras. *História e Perspectivas*, v. 28, n. 53, 2015, p. 371-400.
42. PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.
43. COSTA, Luiz Mário Ferreira. *Op. Cit.*
44. BERTONHA, João Fábio. Transnacionalismo e diáspora: reavaliando conceitos e paradigmas teóricos das imigrações. In: GATTAZ, André; FERNANDEZ, Vanessa Paola Rojas. *Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*. Salvador: Editora Ponto-com, 2015, p. 55-67.